

## ATUAÇÃO DOCENTE NAS SALAS DE EJA: O CORDEL COMO RECURSO INCENTIVADOR NO LETRAMENTO LITERÁRIO

Maria Aparecida Fernandes Medeiros <sup>1</sup>

prática sócio discursiva, principalmente no espaço dedicado ao trabalho com a leitura da sala de aula da Educação de Jovens e Adultos, local de inserção e construção de conhecimentos em favor da cidadania. Dessa forma, propomos o trabalho com cordel como forma de despertar o senso crítico do aluno, bem como sua capacidade de observação da realidade social, histórica, política e econômica, principalmente na região Nordeste, por ser o local em que essa manifestação popular encontrou maior facilidade de propagação no Brasil. Nesta perspectiva, partimos da observação da prática pedagógica do professor do 2º segmento da Educação de Jovens e Adultos, em sua ação docente frente ao trabalho com a leitura de textos literários na escola Municipal de Ensino Infantil e Fundamental Padre Emídio Viana Correia, no município de Campina Grande-PB; bem como da adoção de um questionário que permitisse interrogar o profissional sobre sua prática de trabalho com a leitura do cordel, cujas respostas verificaram a necessidade de elaboração de uma tomada de ação que possibilitou trabalhar a literatura numa interdependência entre o contexto sócio histórico e o gênero literário.

**PALAVRAS-CHAVE:** Leitura, Letramento, Literatura de Cordel, EJA.

### INTRODUÇÃO

A pesquisa, da qual trataremos, é um recorte de um trabalho em nível de Mestrado, desenvolvido no Programa de Pós-Graduação PPGFP – Programa de Pós Graduação em Formação de Professores, da UEPB - Universidade Estadual da Paraíba, cujo objetivo foi investigar sobre as práticas de leitura e letramento de 22 alunos de uma sala de primeira fase - segundo segmento da EJA, e entrevistas com professores da escola sobre suas metodologias e a possibilidade de se trabalhar práticas de leitura, com a Literatura de Cordel.

Como educadora da modalidade EJA percebemos que a leitura não pode ser vista unicamente limitada à transmissão de conteúdo em sala de aula, mas também que visa formar o hábito como aquisição de conhecimentos constantes para a vida. É interessante que a leitura seja aplicada com encantamento, sendo assim o jovem, adultos e/ou idoso procure aprender e compreender mais e mais.

---

<sup>1</sup> Maria Aparecida Fernandes Medeiros. Possui Mestrado no PPGFP - Programa de Pós-Graduação em Formação de Professores da Universidade Estadual da Paraíba - UEPB. Campus I - Campina Grande-PB. Grupo de Pesquisa: Linguagem, Interação, Gêneros textuais. Especialista em Formação do Educador pela UEPB. Tem Formação em Pedagogia pela UEPB - Universidade Estadual da Paraíba.. [professora\\_aparecida@yahoo.com.br](mailto:professora_aparecida@yahoo.com.br);

A literatura de cordel é uma leitura agradável, atraente e cativante, pois é uma leitura feita em versos, prosa e rimas com vocabulário acessível a todo leitor. Além disso, possibilita utilizarmos metodologias inovadoras, com a qual podemos refletir de forma interdisciplinar sobre a linguagem, a cultura, a história e vários outros temas.

Para o desenvolvimento dessa capacidade, os professores contribuem, quando buscam formas interessantes de ensinar aos alunos, sendo mediador do conhecimento, motivando-os cada vez mais a aprenderem. A mediação do professor é muito importante, pois, favorecerá a compreensão das crianças. E para que esta compreensão aconteça, ele precisa oferecer tarefas prazerosas e proporcionar aos alunos a familiaridade com diversos gêneros textuais, entre eles, a literatura de cordel, em que elas irão analisar comparar, interpretar, sistematizar e conseqüentemente o aprendizado se dará de forma reflexiva.

No entanto, para que os alunos da EJA desenvolvam uma aprendizagem foi desenvolvido um projeto Pedagógico tendo como foco a Literatura de Cordel, proporcionando aos professores diversidade nos variados temas dos cordéis do poeta Manoel Monteiro, fomentando oportunidades para que os alunos da EJA se sintam motivados para uma aprendizagem prazerosa de leitura crítica.

O corpus da nossa pesquisa etnográfica – o cordel – é um gênero textual que faz parte da arte literária e que tem suas raízes na cultura popular, portanto um texto de massa que é tratado dentro dessa pesquisa como um instrumento de inserção social, investigando-se a possibilidade do seu uso sob uma perspectiva de formação crítica. Para tanto, justificamos a importância de o professor trabalhar com o letramento literário mediante práticas de leitura nas aulas da EJA, com a Literatura de Cordel.

## **METODOLOGIA**

Sobre a pesquisa qualitativa, Bortoni-Ricardo (2008, p. 34) afirma que, "a pesquisa qualitativa procura entender, interpretar fenômenos sociais inseridos em um contexto" que pode ser a sala de aula. Nesse sentido, é necessário questionar: Quais têm sido as concepções de leitura repassadas ao aluno da modalidade EJA? Durante o processo de aquisição do domínio da leitura, percebe-se que os alunos apresentam dificuldades na compreensão do ato de ler, ou seja, eles não concebem integralmente o significado do que está escrito, pois geralmente, os textos são longos e de difícil compreensão. Para auxiliar no processo de superação dessas dificuldades apresentadas pelo leitor iniciante, principalmente, da modalidade de EJA, é necessário que seja feita uma seleção de textos que possibilitem a compreensão da leitura e que

sejam de temas do interesse desse iniciante. Destacamos o que nos diz Freire (1989, p. 20) “a compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura implica a percepção das relações entre o texto e o contexto.” O autor nos mostra que o texto lido sem relação com o contexto em que o leitor está inserido, não o ajuda a realizar uma interpretação crítica, e ainda, não consegue estabelecer uma relação entre o texto lido e a sua realidade.

Ademais, é importante que o (a) docente dos alunos da EJA não esqueça que grande parte desses alunos apresenta um vocabulário não muito amplo, resultado da situação cultural, social e econômica em que vivem, que pode contribuir para o surgimento da dificuldade na aprendizagem da leitura compreensiva.

Nesse sentido, enfatizamos em investigar de que forma é desenvolvido o trabalho de leitura literária na EJA. O projeto foi extensivo a todos que compõem a escola, especialmente, a todos os professores que compõem a EJA, num total de nove. Os sujeitos sociais da pesquisa serão quatro professores três licenciados em Pedagogia e um em Letras, que atuam na docência há mais de cinco anos. Escolhemos os referidos professores para a aplicação de uma entrevista semi- estruturada pelo fato de serem professores concursados e estarem atuando na área da Educação de Jovens e Adultos e assim poder colher informações se os mesmos têm conhecimento sobre a importância da leitura, como planejam suas aulas, se motivam seus alunos à leitura como possibilidade da formação do aluno-leitor, se têm conhecimento sobre o Cordel e se acreditam numa intervenção literária em suas aulas através do mesmo.

Considerando as experiências enquanto professora da modalidade EJA e o estudo de práticas de letramento literário, ao longo desse estudo, discutimos a prática docente e a leitura através da Literatura de Cordel como possibilidade da formação do aluno-leitor. As reflexões, frutos dessa experiência, deram origem a algumas hipóteses que foram confirmadas ou refutadas ao término dessa pesquisa qualitativa, a saber:

- Um trabalho de leitura com a Literatura de Cordel trouxe benefício para o desenvolvimento de um potencial crítico por parte do aluno envolvido num processo de aprendizado.
- O trabalho com a leitura nas aulas de EJA facilitou as discussões de textos, dirigidas pelo professor, em que o fim foi a reprodução de saberes.
- Os gêneros textuais foram trabalhados em sala de aula numa perspectiva de leitura como decodificação de palavras e/ou para entender o que o texto/autor aborda.
- A leitura foi vivenciada numa concepção interativa destinada a decifração de palavras, frases, textos, e/ou como fonte de desenvolvimento crítico.

Consideramos aqui como fundamental os objetivos que poderão auxiliar na qualidade do ensino na EJA, pois hoje o problema maior não é trazer o aluno de volta à escola, mas sim

fazer com que este permaneça. E só um ensino de qualidade, voltado às necessidades reais dos alunos será capaz de cativar e de manter estes alunos na escola. Muitos são os questionamentos recorrentes e pertinentes ao ensino de jovens e adultos e também de fundamental importância são os estudos e pesquisas emergentes neste campo de investigação, vejamos nossas perspectivas:

## **DESENVOLVIMENTO**

Como objetivo geral, procurou-se proporcionar aos alunos e professores da EJA do segundo segmento da Escola Municipal Padre Emídio Viana Correia, na cidade de Campina Grande – PB o letramento literário, mediante práticas de leitura através de um Projeto Pedagógico envolvendo a Literatura de Cordel, visando o letramento literário numa perspectiva crítica e ideológica, favorecendo um processo de aprendizagem na formação do aluno-leitor.

Levando em consideração os objetivos específicos, pretendeu-se propiciar a leitura literária na sala de aula através da literatura de cordel contribuindo para a formação de um leitor proficiente; Conhecer os gêneros textuais adotados pelos professores nas aulas; Possibilitar ao aluno a leitura de cordéis, estimulando um olhar crítico; Investigar propostas de atividades com os gêneros textuais desenvolvidas na sala de aula; Desenvolver uma proposta metodológica com a leitura a partir do Projeto pedagógico, fazendo intervenção da prática pedagógica com a Literatura de Cordel; Utilizar os temas trazidos nos cordéis como fonte de incentivo ao conhecimento dos alunos; Observar a prática docente da EJA, ações didáticas que estimulem o aluno/leitor a conceber a leitura numa perspectiva de letramento literário.

A Literatura de Cordel é um gênero textual que já circula em nosso meio há bastante tempo; remonta da época do Brasil colônia, sendo trazida pelos portugueses. Trata-se de um gênero narrativo escrito em versos que se propagou com maior intensidade pelo Nordeste brasileiro por encontrar condições sociais e culturais peculiares ao povo dessa região. A recorrência de temas e linguagem centrados na cultura do homem nordestino aliados a características que favorecem a memorização – como, por exemplo, a recorrência de ritmo, rimas e repetições - são pontos fortes que, embalados na voz de poetas populares, fizeram com que esse gênero alcançasse forte aceitação entre as classes populares formadas, até então, por uma população, em sua grande maioria, iletrada, um instrumento de manifestação do pensamento dessa gente e dos seus costumes: “No Nordeste brasileiro, o cordel parece ter encontrado um ambiente cultural dos mais propícios ao seu desenvolvimento: costumes e

cultura típicos de um mundo rural com o predomínio absoluto das formas orais de comunicação.” Andrade (2004, p.47).

Durante muito tempo, o cordel foi visto como uma literatura marginal, uma forma de expressão artística menor. Mas nos últimos tempos, essa realidade passa a tomar novos contornos a partir de uma nova perspectiva pedagógica que passou a perceber que para criar uma verdadeira identidade entre aluno e escola era preciso se valorizar as experiências de mundo desses educandos como ponto de partida para a sua formação, aliando-se ao senso comum e ao conhecimento sistematizado para se poder criar uma nova realidade. Assim, pensando em uma educação moldada em uma concepção construtivista, o cordel surge como um forte aliado nesse processo, por se tratar de um gênero que, como já dissemos, é a própria identidade da grande maioria dos alunos que compõe as nossas escolas públicas.

Assim, o cordel enquanto gênero literário escrito em versos encontra condições favoráveis para ser trabalhado no processo de ensino/aprendizagem da EJA, considerando ser a realidade sociocultural vivenciada pelos sujeitos sociais bastante peculiar, há uma grande identidade com o gênero, proporcionando dessa forma o prazer pela leitura seguido de uma maior interação e inserção dos educandos no processo.

Em toda a história da humanidade, onde quer tenha florescido o clima de liberdade tanto social como político, como no tocante à educação, têm-se assistido à grandeza da arte e da literatura como instrumentos capazes de formar o indivíduo com maior consciência de si, de suas capacidades de intervir e transformar uma realidade político-social. Nesse sentido, é possível acreditar que a escola necessita “[...] devolver aos jovens a alegria de viver, de crescer emocional, intelectual e espiritualmente. É preciso mostrar-lhes que a vida tem sentido e que os sentimentos deles são importantes” Telles (2001, p.64).

É necessário mostrar-lhes, também, que a escola através de uma metodologia de ensino-aprendizagem é capaz de promover sensíveis mudanças na sociedade, cristalizando a inserção social.

É preciso, portanto, que o aluno crie uma identidade com a escola, todavia essa identidade só pode ser construída a partir do momento em que se busca como ponto de partida o próprio universo de conhecimentos que esse aluno já traz consigo. Nesse sentido, a escolha de textos adequados, bem como o uso de uma metodologia igualmente adequada a essa prática, se constitui como um importante elo entre a passagem das experiências que envolvem o senso comum para o conhecimento científico. Paulo Freire não se considerava um especialista em alfabetização de adultos. Suas investigações e atividades pedagógicas nunca ficaram limitadas a esse nível de ensino.

As raízes político-pedagógicas do seu trabalho com a alfabetização de jovens adultos tiveram abordagem nas experiências vividas como professor, educador e coordenador de grupos populares que foram se acumulando junto às preocupações com as várias formas de exclusão social a que as classes populares eram submetidas, dentre elas o acesso à educação escolarizada, comprovada através dos alarmantes índices de analfabetismo existente no país. Analfabetismo que, em relação aos jovens e adultos, apresentava a face mais cruel por vários motivos: impedia-os de ajudarem e motivarem seus filhos nos seus processos de aprendizagens; de terem acesso a vários benefícios sociais; e os impossibilitava de desenvolver formas de inserção na sociedade que garantissem o exercício pleno da cidadania, fazendo com que eles fossem tratados na sociedade como seres inferiores, incapazes e subordinados.

Por outro lado, Paulo Freire percebia que as práticas alfabetizadoras de crianças que eram desenvolvidas nas escolas não conseguiam educar criticamente os adultos, muito pelo contrário, a base teórico-metodológica alienante que sustentava essa prática deveria trazer como consequências alfabetizando funcionais ou os adultos analfabetos do futuro.

Essas inquietações e preocupações de Paulo Freire encontraram na conjuntura do país um espaço favorável para o desenvolvimento de práticas sistemáticas que pudessem possibilitar às massas populares as condições para sua alfabetização. Por isso, tentava propor uma educação libertadora. Para ele, a finalidade da educação era libertar homens e mulheres que se encontravam condicionados à pedagogia do opressor. O oprimido buscava condições para refletir, conquistar e descobrir-se como sujeito de sua própria história: “a consciência do oprimido encontra-se imersa no mundo prescrito pelo opressor, pela imposição da opção de uma consciência a outra” (FREIRE, 1978, p. 06).

Com o processo de abertura democrática (final dos anos 70 e início dos anos 80), Paulo Freire (que estava fora do Brasil) retoma ao país, dedicando-se, dentre outras atividades, ao magistério de nível superior. Durante algum tempo, esteve à frente da Secretaria Municipal de Educação da cidade de São Paulo e seus estudos se voltaram para as questões mais institucionais da política educacional e da prática pedagógica, não retomando seu trabalho na área da alfabetização de jovens e adultos. É um período de produção e socialização de um saber mais amplo, em que as preocupações com a situação do analfabetismo, bem como as concepções políticas da alfabetização continuam, porém, não se detendo em rever ou ampliar suas formulações metodológicas para a área, deixando que os outros o fizessem, como fazia questão de afirmar:

[...] os que põem em prática a minha prática, que se esforcem por recriá-la, repensando

também meu pensamento. E ao fazê-lo que tenham em mente que nenhuma prática educativa se dá no ar, mas num contexto concreto, histórico, social, cultural, econômico, político, não necessariamente idêntico a outro contexto (FREIRE, 1977, p.17).

Outra questão importante para Paulo Freire era o papel dos educadores: grupo de intelectuais responsáveis pelo processo de conscientização do povo. Ao lado de outros profissionais, o educador deveria montar e desenvolver um projeto de pesquisa cujo objetivo era buscar entre as massas populares dados da realidade que se constituíssem em conteúdo propiciador da “leitura do mundo” que ultrapassasse a “leitura da palavra”. Esse processo de “conscientização para a transformação” aconteceria através de um método dialógico, cujo objetivo era o de propiciar meios de ajudar a população analfabeta a organizar reflexivamente o pensamento, de forma a superar o pensamento ingênuo, para um pensamento que pudesse ajudar no processo de construção de consciência crítica, no entendimento do que ocorreria na sociedade em fase transição e das possibilidades que os homens conscientes e organizados teriam na transformação da sociedade.

Esse educador era considerado por Paulo Freire como planejador, pesquisador e coadjuvante de um processo de alfabetização que requeria atitude de respeito e compromisso com a cultura, os saberes e as formas de vida dos sujeitos alfabetizando. Nesse sentido, o papel que caberia aos alfabetizadores e as tarefas que lhes atribuíram, demonstrava muito bem a crença e a confiança que ele depositava nesses profissionais como agentes políticos, responsáveis pela transformação da consciência da população, mesmo reconhecendo suas dificuldades e limitações em nível de formação profissional e de atitudes no desenvolvimento de tarefas tão complexas. Para Paulo Freire, o alfabetizador tinha o papel pedagógico e epistemológico de proporcionar aos alfabetizando os saberes necessários à leitura e à escrita, e, conseqüente, à apropriação como instrumento desencadeador de novos conhecimentos que permitissem formas ajustadas de intervenção política.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

A observação do nosso trabalho no desenvolvimento do Projeto Didático possibilitou a identificação de alguns aspectos relacionados ao ambiente das salas de aula. Como ocorreu simultaneamente à aplicação dos questionários aos professores, embora a pesquisa fosse realizada na escola na qual trabalhamos, verificou-se o contexto da sala de aula e um pouco da rotina dos sujeitos objeto da pesquisa

De acordo com as informações extraídas por meio das respostas das professoras durante a realização da análise realizada, pode-se conhecer um pouco as práticas de leituras utilizadas por elas, as principais dificuldades na compreensão da leitura que os alunos da EJA vêm demonstrando e ainda, o que pensam estas docentes sobre tais dificuldades, conforme o que consta a seguir.

No questionário distribuído aos nove professores, fizemos um recorte entre três docentes, aleatoriamente, levando em consideração maior tempo na atuação na EJA e por serem estatutárias. A priori, procurou-se saber alguns dados profissionais, como formação acadêmica, a faixa etária e são concursadas, obtivemos as seguintes colocações: duas professoras são graduadas em Pedagogia e outra tem licenciatura em Letras, a faixa etária está distribuída entre 35 a 49 anos, e o tempo de docência em EJA dos 07 aos 29 anos, todas são estatutárias.

Diante das respostas relatadas, todas apresentaram definições coerentes sobre o significado de leitura; demonstraram conhecimento sobre o papel essencial da leitura na formação pedagógica e social dos adultos e consideraram que o ato de ler não se esgota na decodificação, mas na relação de diversos conhecimentos, gerando assim, um novo conhecimento.

Sobre as metodologias utilizadas nas aulas de leitura, nas respostas das referidas professoras, percebemos que suas práticas estão intrinsecamente relacionadas com a formação que tiveram, não apenas a formação inicial, mas também a formação continuada. Observamos que as professoras que vêm participando de cursos relacionados à educação de jovens e adultos têm muita clareza do seu papel como educadoras dessa modalidade de ensino. Ressaltamos que os alunos ingressam na sala de aula como “leitores” de textos diversos significativos, pois trazem consigo conhecimentos adquiridos ao longo da vida.

Neste contexto, estratégias apontadas pelas professoras demonstram que são mediadoras, respeitam o conhecimento prévio dos alunos, trabalhando textos diversificados e condizentes com a realidade da EJA, além de compreenderem que a possibilidade de apreensão de textos tem implicações práticas importantes que vão além das condições de acessar esses textos, assimilando padrões de comportamento e valores mais amplos.

Sobre esta questão Kleiman (2000, p. 13) afirma que a leitura é considerada um ato interativo[...]quando mediante a interação de diversos níveis, como o conhecimento linguístico, o textual e o conhecimento de mundo, o leitor construído pelo próprio leitor a partir de seus conhecimentos prévios e interação com o mundo. O texto ou o livro, vem para interagir, ajudar, auxiliar e mostrar novos rumos na construção do sentido do texto escrito para o leitor.



A respeito das dificuldades que os alunos apresentam na leitura, as participantes da pesquisa responderam que, mesmo diante de tantas dificuldades de aquisição do conteúdo da leitura, os alunos da EJA demonstram interesse e vontade de aprender, acreditando no seu crescimento e na possibilidade de fazer diversas descobertas significativas e aplicá-las na sua vida prática.

Os recortes acima mencionados, das respostas dadas pelos participantes desta pesquisa mostram que o trabalho desenvolvido nas salas de aula não difere das atividades utilizadas no ensino regular. Isso nos remete a refletir sobre a formação do/a docente que atua na EJA que, dispondo de uma formação acadêmica que não inclui esta modalidade de ensino, acaba reproduzindo práticas educativas que permeiam o sistema regular de ensino.

Diante dessas constatações, tornou-se relevante a análise da prática de leitura na EJA, pois verificamos que, na maioria das salas de aulas observadas, as docentes não procuram privilegiar atividades que desenvolvam a competência crítica do leitor assim os tornando meros repetidores de ideias extraídas do texto.

Também, não buscam a participação do educando como sujeitos do processo que se baseiam em uma relação dialógica, dinâmica e reflexiva, tentando resgatar a identidade, a cultura e a cidadania desses alunos.

Assim, levando em consideração minha inquietação nas aulas, proponho aos professores da modalidade EJA, que o processo de leitura, de ensinar a ler deve garantir que o leitor/aprendiz compreenda o texto e vá construindo uma ideia sobre o mesmo extraído o que lhe interessa de acordo com os objetivos da leitura. Sendo assim, adotamos o ponto de vista de que o papel do educador nas práticas de ensino de leitura será de intermediação do texto com o leitor passando a ler com o educando e não para ou por ele, pois, “ensinar não é transferir conhecimentos, mas criar possibilidades para a sua produção ou sua construção.” Freire (2006, p. 52)

Suas ilustrações, os textos breves, nos mostram que o público-alvo é para o jovem/adultos e sua função é a didática. Por outro lado, o cordel de Manoel Monteiro nos deixa entrever suas intervenções, as quais mostram uma leitura particular a qual, por um lado deve-se à condensação necessária à adaptação e por outro a uma intenção de adequar à obra ao público brasileiro. O didatismo, observado nos textos breves, é reforçado tanto pela preocupação com a língua portuguesa quanto pelos momentos em que se critica ou quando o poeta traz a experiência dos “experientes”.

No contexto da EJA, é importante se trabalhar com a temática da construção do processo de ensino-aprendizagem, levando em consideração a formação do aluno em cidadão, buscando

torná-lo crítico e atuante. O processo educativo deve, então, buscar contribuir para o desenvolvimento integral do ser humano, incentivando-o e educando-o para uma prática que promova a participação individual e coletiva na sociedade MEC- Ministério da Educação e Cultura (2002).

Na EJA, cada aluno traz sua carga de conhecimento e suas experiências de vida. Assim, há necessidade de o educador conhecer cada aluno adulto para que o processo ensino-aprendizagem se efetive. Para Freire (2002, p. 34), abordar a educação de jovens e adultos, hoje, é tentar aprofundar sua história, tentar dar conta de sua origem para compreender melhor sua situação atual, é uma busca conjunta entre professor e aluno na formação de palavras e temas mais significativos da vida do aluno, familiarizando-o com o seu vocabulário cotidiano.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Esse trabalho levou-nos a uma reflexão sobre a nossa missão educadora, percebendo o educando como um ser que pensa, age, tem direito e deveres, que possui uma diversidade de universos culturais, que busca o fortalecimento da autoestima, da sua identidade, da construção de sua cidadania em uma sociedade marcada pela pluralidade cultural e pela desigualdade educacional e social.

É uma necessidade urgente que o professor reflita a importância, do seu papel e da sua atuação e mude sua sistemática de trabalho, comprometendo-se a usar a ação reflexiva para estruturar o social do indivíduo na construção de uma educação libertadora.

É pensando em ser, a alfabetização de adultos um ato criador, que o letramento literário deve ser caracterizado como uma força constitutiva para a atuação humana e para a ação política, possibilitando tanto uma qualidade da consciência humana como domínio de certas habilidades.

A alfabetização não está meramente ligada à noção de relevância, ao invés disso, está baseada em uma visão de conhecimento humano e da prática social que reconhece a importância do uso do capital cultural do oprimido a fim de valorizar a voz e a forma de saber que utiliza para negociar com a necessidade dominante.

Buscamos que as reflexões apresentadas neste trabalho, sem a pretensão de serem conclusivas, sejam confrontadas com as reflexões de alguns educadores alfabetizadores e que contribuam para o aperfeiçoamento das ações alfabetizadoras. Que mesmo seja uma abertura a todos os que ele tiver acesso para uma reflexão crítica tão necessária à prática educativa, tornando-se assim um instrumento na busca de explicação, de respostas, de relação dialógica

que nos levará a busca de democracia, da Educação libertadora, libertando homens e mulheres que se encontram condicionados à pedagogia do opressor.

Ensinar a ler é, portanto, buscar, indagar, constatar, intervir, educar. O ato de leitura exige conhecimento e, conseqüentemente, a troca de saberes. Pressupõe-se a presença de indivíduos que, juntos, trocarão experiências de novas informações adquiridas, respeitando também os saberes do senso comum e a capacidade criadora de cada um.

Comprovamos que a leitura através da Literatura de Cordel oferece ao aluno da EJA, possibilidades de descobrir caminhos à aprendizagem significativa, de forma que, o mesmo interpreta, diverte-se, sistematiza confronto, documenta, informa-se, orienta-se e reivindicou trazendo assim conhecimento em benefício de formas de expressão e comunicação possíveis, reconhecidas, necessárias e legítimas em um determinado conceito cultural e sem dúvidas, torna-se vários momentos um aluno-leitor.

## REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Cláudio Henrique Salles. **Corda, Cordel, Cordão**: aventura e poesia de mãos dadas. São Paulo: Nankin, 2009.
- BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **O professor pesquisador**: introdução à pesquisa qualitativa. São Paulo: Parábola, 2008.
- BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases – **LDB nº 9.394**. Brasília, 1996.
- \_\_\_\_\_. Ministério da Educação. **Ministério da Educação e do Desporto**. Plano decenal de educação para todos. MEC, 1999.
- \_\_\_\_\_. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Fundamental. *In*: **Proposta Curricular para a Educação de Jovens e Adultos**: segundo segmento do ensino fundamental: 5ª a 8ª série – introdução. Brasília: Ministério da Educação, 2002.
- \_\_\_\_\_. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. *In*: **Relatório de Atividades**
- FREIRE, Paulo. . **Educação e mudança**. Rio de Janeiro. Paz e Terra, 1989.
- \_\_\_\_\_. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.
- \_\_\_\_\_. **Pedagogia da Autonomia**. São Paulo: Paz e Terra, 2006.
- KLEIMAN, Ângela. **Texto e leitor**: Aspectos Cognitivos da Leitura. Campinas, SP: Pontes, 2004.
- TELLES, Maria Luiza Silveira. **Educação**: a revolução necessária. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.